



MATERIAIS EM ARTE: UMA PESQUISA SOBRE O HISTÓRICO DA MANUFATURA DE TINTAS, EM ESPECIAL A ACRÍLICA, GUACHE E A ÓLEO PARA AS ARTES VISUAIS

Júlia Gruber Santana¹ – UnB

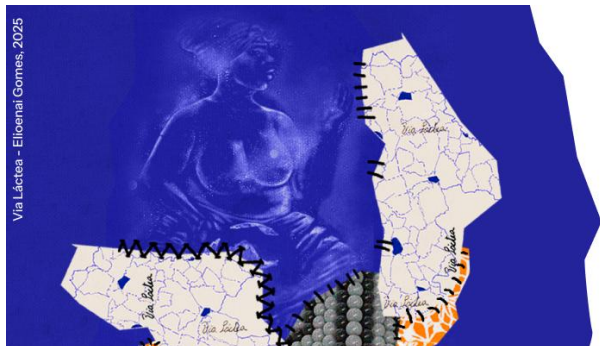
Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa ² – UnB

Permear as materialidades ao tratarmos do âmbito das artes visuais, torna-se prática comum àqueles que se dedicam às expressividades e linguagens que compõem a área estudada. De tal modo, reverbera-se pela historicidade a capacidade comunicativa do ser humano pelo desenvolvimento de imagens, estas que por diversas vezes foram empregadas pela capacidade aditiva de pigmentos, como representado pelas pinturas rupestres, egípcias e de civilizações clássicas. Sobre essa perspectiva e contrapondo-se a manufaturas industriais de materiais expressivos que garantem as capacidades linguísticas das artes, estrutura-se o presente estudo diante a fabricação artesanal e uma revisão da historiografia dos médiums e tintas para composição de visualidades pictóricas. Além de atentar-se aos períodos e os avanços econômicos sociais que condicionaram um comportamento ativo quanto os desdobramentos nas formulações de tintas, em especial a óleo, acrílica e guache, bem como a viabilidade de experimentação poética e econômica atual de tais materiais.

Ademais, compreendeu-se a necessidade em levantar as matérias-primas, que por nuances arqueológicas, na antiguidade e no século vigente, XXI, podem ser utilizadas e captadas como recurso aos horizontes delineados por Ralph Mayer

¹ Júlia Gruber Santana, é licencianda em Artes Visuais pela Universidade de Brasília. Atualmente é bolsista do PIBID e pesquisadora vinculada ao PIBIC, com pesquisa na área de Materiais em Arte. Possui experiência em Educação em Artes Visuais - espaços formais e informais, com desenvolvimento em Materiais em Arte. *E-mail:* juliagrubersantana@gmail.com

² Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa, é Doutora em Desenvolvimento Sustentável (2008) pelo CDS/UnB. É professora do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília desde 1991. A sua área de atuação é Artes, com ênfase em Educação em Artes Visuais *E-mail:* Therese@unb.br



(2015); que propôs como demanda que desde o estudo primário das artes, discentes busquem o acesso a materiais de qualidade superior. Logo, que fomentem poeticamente e se capacitem tecnicamente para maior abertura dos limites subjetivos do processo de criação. Desse modo, com as revoluções industriais garantindo a acessibilidade financeira de tintas e outros materiais, justificada pela produção em larga escala de baixa qualidade e o comportamento acelerado do século XVIII, um abandono do conhecimento clássico de meios expressivos e seus suportes foi propagado. Mesmo que em prol das demandas reprodutivas formalistas, impedindo o espaço de experimentação. Sobre essa ótica, Ralph Mayer reflete a compreensão da ação temporal quanto a elaboração de tintas, destacando que a “conclusão definitiva é um conhecimento íntimo da conduta e das prioridades dos materiais de pintura e dos resultados que podem ser obtidos pelas várias manipulações alcançadas por meio da experimentação pessoal” (Mayer, 2015, p. 17).

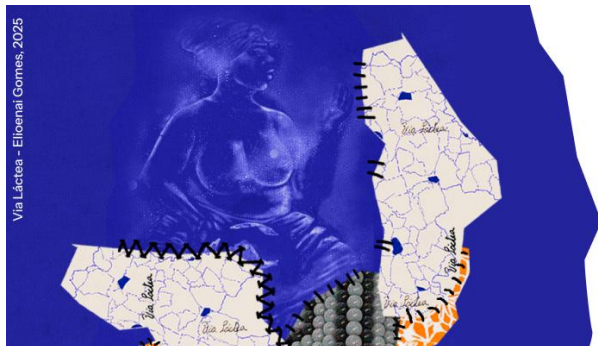
Dessa forma, o delinear histórico do uso de tintas que se compreende desponta das manufaturas provindas de países que compõem o Extremo Oriente, por volta de 1400. Essas que se engrandeciam pelos vínculos comerciais de *commodity*, óleos com propriedades secativas, com países do Ocidente; reverberando no uso e formulação de tintas a óleo para práticas artísticas, primariamente pela capacidade aglutinante e do trabalho em camadas, finas e grossas. Entretanto, é importante ressaltar que os avanços tecnológicos quanto os processos de refinamento do óleo, principalmente o de linhaça que anterior ao seu uso artístico possuía fins decorativos, foram fundamentais para a popularização da pintura a óleo e o seu uso nas metodologias de ateliê, sobretudo atingindo suas potencialidades no decorrer do século XVI.

Dessa maneira, atribuímos na pesquisa o levantamento de três óleos, linhaça, papoulas e nozes, que quando distribuídos nos diferentes tipos de refinamento, entendemos a prensagem a frio como propiciadora de melhor qualidade, embora se difiram quanto às expectativas após conclusão das pinturas. Por certo, pela viabilidade e qualidade material e de acabamento, o uso do óleo de linhaça demonstra-se o ideal

para produções artesanais, sendo este vinculado ao teste prático realizado. Visto que este, a longo prazo, impede que as camadas trabalhadas sobre suporte amarelem exponencialmente. Em contrapartida, a expansão comercial se incumbiu de instalar o ideal de produtos prontos para uso em meados do século XVII. Depreende-se do momento, a manipulação e construção do que nomeamos como pigmentos sintéticos e o esvaziamento de saberes metodológicos, quanto a elaboração dos materiais expressivos pelos próprios artistas. Logo, resultando desde o século XIX, a decorrência de grandes indústrias baratarem o acesso e comercializarem insumos inferiores, e pequenos produtores estipularem preços “abusivos” aos produtos.

Em meados do século XX, sob a justificativa e pesquisa de materiais que promovessem maior durabilidade, manuseio técnico e que desempenhassem as novas exigências que circulavam o cenário artístico, surge a tinta com base em polímeros acrílicos, além de alocarmos temporalmente o processo de revolução industrial visando elucidar as “vantagens” de produtos derivados de petróleo; assim como previstas as iniciativas de William Henry Perkin em 1856. Por certo, é inevitável ao período estipulado novas nuances do processo criativo, bem como o uso ampliado das materialidades, como exemplificado por Stan Smith ao afirmar que artistas que produziam no México, em 1920, se propuseram a utilizar outra tinta, que não a óleo, para a produção de murais perante a necessidade de durabilidade pela exposição ao sol (Smith, 1989).

Portanto, o novo modo de pintar abordado, busca completar a composição, cor e forma com os diálogos decorrentes das narrativas poéticas que a tinta acrílica possui, enquanto expoente das inovações de aproximações industriais que marcaram o período mencionado, quanto o seu uso para revestimento interno e externo de grandes edificações, bem com a sua viabilidade financeira. Ademais, a compreensão que se tem quanto às características das resinas acrílicas, permeadas pelo processo químico de polimerização, são identificadas a partir de sua rápida secagem, tendência a manter a cor estável sem alteração temporal, aspectos foscos e brilhantes segundo

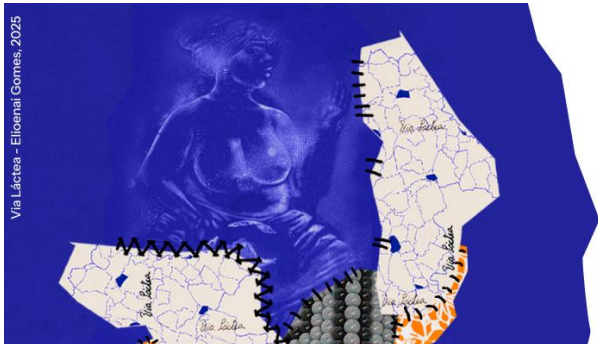


o componente sintético resinoso a ser utilizado como aglutinante e sua solubilidade em água.

Como contraste ao material anteriormente estudado, permeia-se um consenso que ao tratarmos de tinta guache, estamos falando de uma aquarela opaca (Mayer, 2015; Smith, 1989). Logo, conforme as perspectivas históricas, mapeamos uma movimentação desde a Idade Média sobre as suas aplicabilidades no âmbito artístico, reverberando “nas delicadas miniaturas de arte tradicional Indiana e Persa onde áreas específicas requerem ser preenchidas com tinta uniforme e opaca” (Gatti et al., 2007). Contudo, a notável diferença entre a aquarela e o guache está na adição de carga durante a manufatura, capacitando seu aspecto fosco após a secagem, assim como a sua alta cobertura, uniformidade e sem texturas aparentes.

Produzidas pelos mesmos recursos, goma-arábica, água, mel, carga, pigmento, glicerina e fungicida, a aquarela e o guache tendem a ser facilmente manipuladas e produzidas nos aspectos de experimentação pessoal de artistas, visto que o processo mecânico de moagem de pigmento e mistura dos materiais é facilmente realizado com o uso de espátula, pilões ou almofariz. Diante o exposto, é curioso mencionar que o livro *Materiais em Arte: Manual para manufatura e prática* (2007), informa em sua maioria que o uso se destinava a designers e ilustradores, mas também à artistas visuais como Picasso, Henry Moore, Van Dick e Gaspar Poussin, devido à capacidade estética que atinge após a secagem.

Sendo assim, ao revisitar a capacidade expressiva dos materiais utilizados nas produções artísticas, é possível tatear as dimensões estéticas das visualidades pictóricas. Desse modo, foram elaborados testes no decorrer da pesquisa que demonstraram, a exequibilidade atual, porém não com as mesmas intenções poéticas, de tintas a óleo, acrílica e guache. Entretanto, a localidade em que se produz o material apresenta-se como problemática para a prática de experimentação pessoal, visto que, por muitas vezes, os insumos oscilam financeiramente ou são inacessíveis geograficamente. Ademais, os contextos historiográficos levantados são necessários



à produção artística atual, por promover uma movimentação crítica, frutiva, expressiva e reflexiva no processo de criação.

Destarte, pelo mapeamento da pesquisa, as condições, produções e historiografia das tintas mencionadas, à possibilidade de execução das manufaturas apontadas no atual contexto artístico e educacional. Logo, a estruturação da revisão bibliográfica que se constrói no presente resumo expandido, pretendeu elucidar, que a produção de materiais expressivos, como âmbito de desenvolvimento de linguagens artísticas e poéticas a partir da manufatura artesanal, assim como, o conhecimento sobre o seu desenrolar na história das artes visuais se faz necessária. Por certo, foi imprescindível para a pesquisa que o diálogo construído no decorrer do estudo, permitisse a reflexão da organização de salas de aula regulares de educação em artes visuais e em ateliês, como espaço compositivo e de experimentação; visto que as dimensões que desses espaços advém podem promover um ser humano disruptivo.

Referências

GATTI, Thérèse Hofmann; CASTRO, Rosana de; OLIVEIRA, Daniela de. **Materiais em artes: manual para manufatura e prática**. Brasília: Secretaria do Estado de Cultura do DF: Fundo da Arte e da Cultura – FAC, 2007.

MAYER, Ralph. **Manual do artista: técnicas e materiais**. 5. ed. traduzida por Steven Sheehan. São Paulo: Martins Fontes, 2015. (Orig. The Artist's Handbook of Materials and Techniques, 1940)

SMITH, Ray. **Manual prático do artista**. 2. ed. atual. Londres: DK Dorling Kindersley; São Paulo: Ambientes & Costumes, 2012. ISBN 9788561749200

SMITH, Stan. **The Artists manual**. 1. ed. New York: Gallery Books, 1989. ISBN: 0-8317-0467-5